

Missa na Lapinha para manter ternos na rua



Na missa em ação de graças, a prece para botar os ternos na rua



Normalmente, só se fala nos ternos e ranchos na época do Natal, quando elas se apresentam na Lapinha, participando do ciclo de festas populares. Todavia, sendo uma manifestação cultural, está presente o ano inteiro na comunidade. Em setembro, por exemplo, em alguns pontos da cidade, começa uma agitação nova na vida de muitas pessoas: com os ensaios semanais dos grupos de música e pastores que se preparam para levar sua alegria, seu folguedo, ao presépio da Lapinha.

Essa grande expressividade artístico-cultural e religiosa dos ternos de reis vem se mantendo de geração em geração através dos ensinamentos de seus dirigentes e da dedicação de pessoas que se oferecem para manter viva e atuante esta tradição, enfrentando um grande número de dificuldades para botar seu terno na rua.

"Eu sempre espero que os ternos saibam que a gente possa fazer a noite de reis, que é uma coisa muito bonita, muito importante". Essa é a esperança de Aloísio Campos de Souza, dirigente do Terno da Terra, desde menino acompanhando ternos. "Por isso é que eu luto, contra diversas dificuldades, mas sempre boto o terno na rua".

As dificuldades são muitas. Basta pensar que em tempos passados, o número de grupos que participavam da festa de reis variava em torno de 60 a 70 ternos e ranchos enquanto hoje só seis estão na rua.

O fator econômico é um dos principais motivos que levaram a essa grande redução. A perda do poder aquisitivo dos dirigentes e integrantes dos ternos (antes muitos vinham da classe média) dificultou os gastos materiais dos grupos, afetando-os diretamente, inclusive na própria indumentária, de aparência bem vistosa, que por tradição é composta de elementos cujos preços foram se elevando muito com o passar do tempo. Sem recursos próprios, os ternos ficam na total dependência das verbas da prefeitura, Bahiauma e Fundação Cultural do Estado da Bahia.

MÚSICA E DANÇA

Por outro lado, como os ternos de reis conservam-se fiéis à tradição, outra grande dificuldade para sua sobrevivência está na execução das músicas e apresentação das danças. Como eles não têm registro escrito de suas músicas, tocam e cantam "de ouvido", fato torna problemática a reunião dos músicos necessários, já que os jovens desconhecem o repertório musical. Além disso, nos últimos tempos, a redução do poder aquisitivo das pessoas criou a necessidade de remuneração, desde os ensaios, até cachê pelas apresentações.

Tradicionalmente, os ternos de reis eram feitos espontaneamente, a indumentária era custeada por cada componente e os músicos tocavam por conta da fantasia. Atualmente, juntando todos os gastos, para se levar um terno à rua, precisa-se, em média, de Cr\$2 milhões, sem contar com outras necessidades, como transporte apropriado e inexistência de

sede própria, com espaços mais adequados para reuniões.

Coplando o modelo tradicional, os grupos reúnem-se nas residências de seus dirigentes, mas com as mudanças fica quase impraticável manter nesse espaço atividades mais dinâmicas. O dirigente do Terno da Terra acha que "com uma sede, cada terno poderia promover muitas coisas além da apresentação de reis na época natalina. Poderíamos ter uma escola, um recreio qualquer, cursos de música ou de dança, por exemplo".

PARTICIPAÇÃO

Diante do perigo do desaparecimento dos ternos e para assegurar sua continuidade como expressiva tradição baiana, é que foi fundada a União dos Tradicionais Ternos e Ranchos de Reis da Bahia, em 26 de agosto de 1977, representando, hoje, um passo marcante na busca da sobrevivência desta manifestação cultural.

Seus dirigentes se reúnem a cada 15 dias de mês, durante o ano inteiro, buscando encontrar os meios de resolver os problemas que possam comprometer a sobrevivência dos grupos já existentes. Apoiando a entidade, a Fundação Cultural do Estado está com um Plano de Revitalização dos Ternos de Reis de Salvador, participando do processo não somente na época do Natal, em forma de verbas, mas durante todo o ano, através de um trabalho de sensibilização.

A ideia seria de desenvolver na comunidade a importância de manter esta tradição, de forma que estimule as pessoas a participarem espontaneamente. Concomitantemente, pensa-se em promover, de início, pequenos encontros entre participantes dos ternos para intercâmbio de informações. A partir daí poderá surgir uma dinamização ou aparecimento de líderes, já que esse elemento é necessário para manutenção dos ternos. Os encontros poderiam servir como meio de reflexão e fortalecimento do vínculo entre os participantes e o terno em si.

Pensa-se em estruturar uma campanha, visando novos associados, inclusive

a própria comunidade participante do terno. Entretanto a entidade de meios de produzir seus próprios recursos financeiros, os ternos perderiam sua total dependência das verbas públicas. Estas propostas integram um projeto maior, de dinamização cultural dos bairros, desenvolvido através do convênio Fundação Cultural/Prodasec (Programa de Ações Sócio-Educativas e Culturais do Ministério da Educação e Cultura).

ORIGEM

"Vamos pastorinhas à Lapinha de Belém! adorar o Deus Menino/que nasceu para o nosso bem/Vamos sem demora/le grande satisfação, trazendo à nossa terra/prazer no coração".

Cada terno leva sua adoração ao Menino Jesus em forma de folguedo. Os temas das músicas falam de Jesus, de Maria e José, da Estrela de Belém, anjos, ternos religiosos dentro do espírito natalino. Sorri, no entender de Aloísio Souza, do Terno da Terra, "um balé pastoril, uma procissão levando à Lapinha a alegria do nascimento de Jesus".

O terno de reis é uma manifestação que veio de Portugal para a Bahia. Sua composição varia numa média de 70 participantes, distribuídos entre porta-estandarte e guardas-de-honra, músicos e um elenco de pastoras (que fazem a maior parte das danças), além de ciganos (que fazem as danças mais íntimas). Variam em cores, têm música própria e levam como alegorias em suas costas e capotas, flores e lanternas. Têm normalmente suas apresentações obrigatórias ou tradicionais. Começam no dia 5 de janeiro, na Lapinha, depois vão ao Bonfim. Mas as organizações vão além da tradição, adotando também ao folclore, apresentando-se em festas populares como a do Rio Vermelho e Itapua, que não têm conotação carnavalesca ou profana. Saem de diferentes e diversos pontos da cidade, sempre com uma intenção religiosa, de peregrinação. Liberdade, Brotas, Pernambuco, Santo Antônio Além do Carmo e Sussuarua são alguns lugares do roteiro percorrido.



Aloísio Souza, do Terno da Terra, muito trabalho para manter a tradição